

"É por causa dessa necessidade de evangelismo e o mister de combinar a actividade educacional com a religiosa": as relações entre educação e missionarismo no discurso de expansão protestante batista (1930-1945)

Paulo Julião da Silva*

pauloemac@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar os discursos protestantes, sobretudo batistas, em suas propagandas sobre o suposto sucesso educacional alcançado nas diversas instituições de ensino que possuíam no Brasil entre os anos de 1930 a 1945. Para a análise do nosso objeto foram usadas concepções da análise do discurso, bem como fontes (periódicos e cartas) e referências que tratam da temática abordada. A pesquisa para a construção do presente texto se deu em arquivos e bibliotecas norte-americanas. As documentações encontradas levaram ao entendimento de que tais propagandas objetivavam garantir o sustento das agências financiadoras norte-americanas, combater o catolicismo e criticar, em certos aspectos, Getúlio Vargas por manter relações próximas com a Igreja Católica e, principalmente, expandir as missões no país. Nesse sentido, acredita-se que o presente texto contribuirá com as análises sobre as relações entre história, educação e religião no Brasil, durante a primeira metade do século XX.

Palavras-chave

Protestantismo; educação; expansão missionária

"It is because of this need for evangelism and the need to combine educational and religious activity": the relationship between education and missionaryism in the discourse of Protestant Baptist expansion (1930-1945)

Abstract

The goal of this article is to analyze protestant discourses, mainly Baptists, in the advertisements of their teaching institutions on the supposedly educational success they experienced in Brazil between 1930 and 1945. As a methodology of this article, I used concepts from analysis of discourse, as well as primary sources (newspapers and letters) and bibliographical references on the theme. The research for this text occurred in North-American and Brazilian archives and libraries. These documents helped to have a better understanding of the advertisements as having the purpose of sustaining North-American sponsoring agencies, fighting Catholicism, and, criticizing, at some extent, Getúlio Vargas for their close relations to the Catholic Church and, above all, expand the missions in the country.. Therefore, I believe this article is a contribution to analysis that put together history, education, and religion in Brazil during the first half of the twentieth century.

Keywords

Protestantism; education; missionary expansion

Os anos 1930 foram marcados por embates entre protestantes¹ e católicos no Brasil quanto às questões educacionais. Em diversos momentos, os evangélicos apontavam o alinhamento do Estado com a Igreja Católica, criticando a postura da referida instituição que, supostamente, estaria aproveitando-se do fato de possuir a maioria dos adeptos no território nacional ganhando, assim, privilégios durante o governo do então presidente Getúlio Vargas (1930-1945) (RIBEIRO, 1984). Além das críticas, segundo os protestantes, era necessário mostrar que os colégios evangélicos possuíam os melhores quadros de professores, as melhores metodologias de ensino, os melhores aproveitamentos do aprendizado após a formação, e as melhores infraestruturas quando se comparavam às escolas católicas e aos colégios públicos. Quanto às escolas públicas, elas eram criticadas não só pela metodologia mas também pelo fato de o Governo Vargas ter decretado como facultativo o ensino religioso (leia-se católico), nas referidas instituições (BRASIL, 1931). Os protestantes, mesmo em suas escolas confessionais, afirmavam que possuíam um caráter laico e, portanto, estavam mais alinhado com o sistema republicano em que o país estava inserido.

No presente texto, serão analisados os discursos protestantes, sobretudo batistas, que procuravam mostrar diversas propagandas de sucesso educacional em seus periódicos. Algumas dessas propagandas estavam, também, em cartas que eram enviadas aos financiadores dos colégios protestantes, sobretudo os norte-americanos². Essas propagandas tinham ao menos duas intenções: mostrar que o ensino das escolas evangélicas era melhor que o dos colégios públicos e católicos e,

prestar contas aos financiadores norte-americanos mostrando que valeria a pena todo o investimento que esses faziam para a manutenção das instituições de ensino protestantes no Brasil (BATISTA, 2014).

É interessante que, mesmo em casos quando os protestantes criticavam a Igreja Católica pelo fato de ministrarem instrução cristã em suas escolas, as documentações analisadas não deixavam dúvida de que o maior objetivo dos colégios evangélicos era o proselitismo entre os brasileiros. Ter sucesso significou, sobretudo, fazer prosélitos. Os discursos exaltavam as instituições que atingiam tais objetivos. O Brasil só se tornaria grande se a nação aderisse ao protestantismo, e a educação seguisse o modelo norte-americano que, na maioria dos casos, era confundido com o modelo evangélico. Segundo os discursos analisados a seguir, era de colégios protestantes, com sua pedagogia tida como moderna, seus professores considerados qualificados e as conversões que ali ocorriam, que o país estaria precisando naquele contexto (Ibidem).

A expansão missionária e sua suposta ligação com o sucesso educacional

Não eram raras as vezes que os missionários protestantes dirigiam-se aos financiadores, principalmente através de cartas e fotografias, com objetivos de mostrar o progresso educacional no Brasil. As escolas protestantes estariam implantando a pedagogia norte-americana, com base nos ensinamentos bíblicos. Tal sistema educacional era tido como progressista e liber-

¹O termo protestante aqui utilizado se dará em relação às igrejas que no Brasil se denominam evangélicas. Em bibliografias de autores denominacionais, como teólogos e historiadores, ou mesmo em literaturas mais antigas, costuma-se dividir os protestantes entre históricos (calvinistas, em sua maioria), pentecostal e neopentecostal. Os batistas, para tais autores, entram em um grupo que se autodenomina/denomina evangélicos, os quais muitos deles não se consideravam protestantes por afirmarem ter realizado o seu movimento muito antes das Reformas Religiosas do século XVI. Em alguns casos chegam a afirmar que descendem de São João Batista que teria vivido no século I da Era Cristã (MENDONÇA, 1990). No presente artigo será utilizado a categoria protestante se referindo de maneira geral a todas as igrejas surgidas dentro do movimento reformista que se iniciou a partir do século XVI e que perdurou até o século XIX (metodistas) e teve desdobramentos no século XX com os pentecostais. Percebe-se que muitas vezes as literaturas que dividiam esses grupos em categorias faziam de forma pejorativa para separar o EU do OUTRO (SILVA, 2010). As análises se concentrarão nos batistas da Convenção Batista Brasileira, em documentações como periódicos e cartas da referida denominação evangélica, analisando seu processo de educação à nível nacional e usando como exemplos os colégios do Recife, Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Bibliografias que tratam da temática, mesmo com igrejas de outras denominações, nos serão de grande importância, pois elas nos ajudarão nos debates ao longo do texto aqui apresentado.

²As instituições nas quais foram encontradas os documentos e bibliografias aqui analisados foram as seguintes: Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (Recife, PE); Arquivo Público Estadual Jordão Emericano (Recife, PE); Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Biblioteca Central, as duas pertencentes a Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP); Biblioteca da Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo, SP); Perry-Castañeda Library e Nettie Lee Benson Latin American Collection, as duas na The University of Texas at Austin (Austin, TX) Texas Collection na Baylor University (Waco, TX) Southwestern Baptist Theological Seminary (Fort Worth, TX) Southern Baptist Historical Library and Archives (Nashville, TN).

tador, em contraposição ao católico, visto como atrasado, conservador e tradicional (LOPES, E.; LOPES, N., 2009). Ester Fraga Vilas-Boas, ao analisar as propostas educacionais protestantes em Sergipe, mostra que o pensamento de inserção civilizatória cristã, acompanhou as missões nos diversos locais pelos quais os trabalhos eram expandidos. Descreve que as escolas deveriam ser semelhantes às norte-americanas, inclusive nas estruturas físicas. Fazendo uso de metodologias fundamentadas nos princípios da moral protestante, os colégios deveriam atrair principalmente os filhos dos evangélicos e os das elites locais. Bolsas de estudo eram oferecidas a alunos que se destacassem para ir estudar nos Estados Unidos. A ideia era trazer valores culturais e religiosos daquele país e implantá-los no Brasil, uma vez que tais ideais eram tidos como fundamentais para uma nação que se declarava laica, e possuía perspectivas de crescimento em todos os sentidos, não deixando de lado o foco principal, que para a autora, era o de fazer prosélitos entre os brasileiros (VILAS-BOAS, 2001).

Além disso, segundo os protestantes, tais instituições defendiam a liberdade de consciência, a livre iniciativa e preparava pessoas para trabalhar nas indústrias, que se expandiram com certa rapidez no país a partir de 1930 (CAVANI, 2009). Propagandas em periódicos também serviam de estratégias de divulgação desse método evangelístico tido como eficaz. Nesse sentido, em 1935, *O Baptista Pernambucano* publicou trechos da fala do *Dr. Elton Johnson* na sessão da Convenção Batista Pernambucana daquele ano. Demonstrava seu contentamento o referido orador:

Em primeiro lugar, o Collegio Americano Baptista tem alto ideal quanto à sua missão como instituição denominacional. Foi fundado com o proposito de preparar jovens para o ministerio christão, e isso vem fazendo. com presteza, por mais de

um terço de seculo. O Collegio tambem tem sido mantido com o fim de offerecer aos paes crentes um educandario de moral elevada onde seus filhos possam ser educados emquanto que suas creanças são respeitadas e seus caracteres protegidos. Os alunos são convidados a assistir os cultos da igreja, a Escola Dominical, a U. M. B., etc.; em cada lecção ouvem a leitura da Palavra de Deus, oração e tomam parte no cantico de hymnos, tem oportunidade de cooperar com o Gremio Evangelico que se reúne semanalmente para oração, desfrutam 15 dias de prégação do Evangelho, - uma semana do começo no anno lectivo e outra no ultimo semestre. Acima de tudo, vivem sob a influencia de professores consagrados (JOHNSON, 1935, p. 4).³

Segundo Maria Ellen Santos Seixas, os líderes protestantes, ao pensarem no investimento educacional, afirmavam ter como objetivos primordiais melhorar as condições educacionais do país, auxiliar no processo de inserção da “religião verdadeira” e de uma cultura “superior”, em detrimento da “inferior”, católica, que estaria impregnada no país desde a chegada dos primeiros europeus (SEIXAS, 2010). Dessa forma, procuravam investir em educação formal nos mais variados níveis, pois, nas considerações das lideranças evangélicas, a sociedade brasileira só lograria avanços quando a educação formal fosse valorizada e tida como primordial.⁴

O *Dr. Elton Johnson* (1935) procurou mostrar os objetivos de um colégio confessional protestante, não apenas aos presentes, na referida reunião, mas também a todos os que tiveram acesso ao periódico citado. Defender os ideais da denominação era o fator primordial da escola. A preparação de jovens para trabalhar nas futuras missões protestantes era uma obrigação da instituição. Não adiantaria ter uma escola de grande porte no Recife, se seu fim não fosse a expansão do tra-

³Todas as citações literais de bibliografias ou de documentações obedecerão aos grifos e grafias originais.

⁴Usando Lutero como exemplo, Edson Pereira Lopes e Nívea Costa da Silva destacam que a educação sempre esteve no bojo dos ideais protestantes, principalmente as que eles consideram como históricas (luteranos, batistas, presbiterianos, episcopais, congregacionais e metodistas). O referido reformador teria dito que as crianças deveriam ser educadas e a família era a principal responsável nesse processo. Caberia aos pais enviar seus filhos à escola. Caso os genitores não tivessem condições financeiras, o Estado deveria assumir os custos escolares. A igreja também deveria sentir-se responsável pela educação das crianças. Calvino também seria um simpatizante do processo educacional. Acreditava que a educação era uma auxiliadora no processo de inserção do indivíduo no cristianismo. Defendia ainda que, com a instrução escolar, as pessoas estariam aptas para exercerem todos os deveres como cidadãos de um país. Nesse sentido, segundo os autores, os protestantes no Brasil investiram maciçamente em educação por concordarem com as concepções dos “pais” da Reforma (LOPES, E.; LOPES, N., 2009).

balho cristão. Ao ter seu filho matriculado no referido Colégio, os pais poderiam ter a certeza de uma educação voltada para a moral norte-americana confundida, na maioria dos casos, com a moral evangélica. O orador não escondeu o uso do texto bíblico no colégio, nem o convite para que todos assistissem aos cultos e as aulas de escolas bíblicas. A associação estudantil, inclusive, tinha como eixo central o *desfrute* de 15 dias ouvindo a *pregação do evangelho*. Segundo os diretores do colégio, era um exemplo a ser adotado por todo o país.

Nesse sentido, os objetivos evangelísticos pareciam estar sendo cumpridos. Formação de novos líderes também era exaltada, pois fazia parte da estratégia de expansão dos trabalhos no país. Apesar da análise no presente texto estar centrada principalmente nas instituições confessionais batistas, é importante destacar as considerações de Jorge Uilson Clark sobre o Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas. Segundo o autor, a instituição foi tida como um importante centro de estudo de teologia e preparação sacerdotal atraindo aqueles que, tocados pela suposta vocação religiosa, matriculavam-se na referida instituição buscando aperfeiçoamento. Sua preocupação com as atividades educacionais era formar líderes religiosos bem treinados para atender às igrejas que iam surgindo. Em 1932, o Seminário orgulhava-se de ter formado oitenta alunos no Bacharelado em Teologia e de ter concedido a vinte e sete estudantes certificados de disciplinas cursadas. Tal orgulho parece ter atingido Jorge Uilson Clark, que, de maneira "ufanista", afirmou em sua tese de doutorado:

O Seminário Presbiteriano de Campinas, através da Faculdade Teológica, procurou por mais de trinta anos dar aos estudantes uma cultura sólida e prática, dentro dos valores cristãos, cumprindo assim o seu papel de instituição padrão de ensino de uma teologia evangélica e da constituição de uma igreja espiritual e missionária. Nesse sentido, cumpriu e cumpre sua missão (CLARK, 2005, p. 154).

A teologia deveria fundamentar-se na reflexão e a educação foi tida como indispensável no processo de solidificação das instituições protestantes no país. Em 1930, escrevendo ao Sr. *McConnel*, o missionário batista *William B. Bagby*, descrevia a importância do

investimento na educação para a consolidação da fé batista no Brasil. Segundo seu inflamado depoimento, as escolas construídas até então atraíam pessoas das mais elevadas classes sociais no Brasil. Os seminários, principalmente os da Bahia e de Pernambuco, também eram de grande proveito, haja vista que moças e rapazes candidatavam-se a estudar uma teologia completamente batista e ortodoxa para tornarem-se missionários (as) (BAGBY, W., 1930, p. 1, 2).

A proposta do método evangelístico para auxiliar no sucesso dos trabalhos existentes através da educação parecia circular em todos os locais nos quais as missões se faziam presentes. A pequena escola em Porto Alegre, fundada na casa da missionária batista *Alice Bagby*, em 1926, não estaria mais comportando o crescente número de alunos dado o progresso em que se encontrava a instituição. A cidade estava crescendo rapidamente e, no mesmo ritmo, estariam crescendo também os prosélitos batistas. A dificuldade de entender o significado do *verdadeiro cristianismo* e de possuir uma escola de qualidade, por parte da população, que estaria com sede de aprendizagem bíblica, segundo o missionário batista *Harley Smith*, precisava ser superada com a construção de uma grande sede que comportasse o número de pessoas dispostas a aprender (SMITH, H., 1932). Sua irmã, *Alice Bagby*, parecia concordar com o projeto de um espaço maior. Em 29 de abril de 1932, escreveu uma carta ao Sr. *Georg Rosborough* traçando um plano de arrecadação financeira, que, segundo ela, não ficaria pesado para as igrejas. Cem congregações doariam \$ 5,00 (cinco dólares) por mês durante dois anos, valor considerado suficiente para que a intenção de construção de um grande colégio fosse concretizada (SMITH, A., 1932). O colégio foi construído, e o financiamento norte-americano foi de grande valia nesse processo.

A referida escola foi "desafiada" em 1935 a ampliar não apenas a estrutura física, mas também o público-alvo em suas propostas de inserção cultural e religi-

osa. O missionário batista *L. M. Bratcher* solicitou professores para educar e evangelizar imigrantes russos no Rio Grande do Sul. Expressava seu desejo:

[...] a respeito da escola diaria para os russos: não seria possível combinar com o Collegio Baptista para fornecer uma professora para leccionar tres vezes por semana ao mesmo tempo fazendo o trabalho no Collegio? Si comprehendendo a finalidade do Collegio Baptista de Porto Alegre, penso que é ajudar na Evangelização. E esta seria uma optima oportunidade (BRATCHER, 1935, p. 1, 2).

Atingir a população russa era um desafio para os norte-americanos. A cidade de Porto Alegre possuía, inclusive, uma Igreja Batista formada por imigrantes do referido país (alguns também provenientes dos Estados Unidos). A proposta de ter em seu quadro um professor que, através da língua, pudesse atrair essas pessoas para os círculos evangélicos, parece ter sido uma estratégia usada para facilitar não apenas a evangelização, mas também a aproximação de educandos. É interessante que, em 1930, a Igreja Batista Russa acusou o missionário batista *Harley Smith* de desvios de verbas, não aceitando, dessa forma, continuar aliada aos líderes norte-americanos que estavam à frente dos trabalhos no Rio Grande do Sul (SILVA, 2016).

Apesar dos problemas internos citados, os agradecimentos pelo despertar financeiro dos “irmãos do norte” eram constantes. O missionário *Harley Smith* afirmava estar lisonjeado com a disponibilidade dos norte-americanos em contribuir para o progresso da educação brasileira. Dizia não conhecer demonstração maior de amor pelas almas perdidas na parte sul da América. Fazia um apelo para que o sentimentos caridosos e cristãos dos financiadores não esmorecessem.

Mostrava-se convicto de que tais “irmãos” receberiam compensações divinas (SMITH, H., 1933).

Graças a tais disponibilidades, os frutos poderiam ser vistos em diferentes Estados. A cidade de Campos estaria em pleno progresso educacional. O colégio fluminense possuía em 1934, 209 alunos matriculados, dos quais 146 eram crentes ou de famílias evangélicas, sobretudo batistas. Dos tais, 25 eram filhos e filhas de pastores. Havia ainda 12 alunos que, graças aos incentivos recebidos nos processos de ensino e aprendizagem, teriam, segundo o missionário, despertados, dons ministeriais e pretendiam seguir a carreira pastoral (CHRISTIE, 1934). Apesar de todos os percalços, o Missionário *Alonso B. Christie* deixava sempre claro que se tratava de um trabalho gratificante e que almejava colher grandes frutos quando trabalhava como pastor e professor das crianças na referida cidade (CHRISTIE, 1938). O *Rio Baptist College* estaria formando diversas professoras para atuar não apenas em colégios protestantes, mas também em escolas públicas e privadas do país⁵. Tais docentes estariam recebendo formação condizente com as reais necessidades de uma nação que precisava desenvolver-se em questões econômicas e sociais. Nas palavras da missionária *C. A. Backer*, era um belo serviço que os batistas estavam prestando ao Brasil (BAKER, 1938a).

Anos depois, *Harley Smith* mostrava-se orgulhoso de trabalhar como incentivador do investimento educacional feito no Rio Grande do Sul. Relatava com satisfação a presença de 509 alunos regulares, 55 em cursos de verão e mais 200 em cursos específicos tais como música, inglês e instrução bíblica (esse último com interesse de mais de cem alunos) (SMITH, H. 1941). Conversões, profissões de fé e batismos eram

⁵Segundo Cesar Romero Amaral Vieira, não há como negar a influência da pedagogia norte-americana nas escolas públicas e privadas de São Paulo. Ladeada pela ética protestante, o autor declara que as lideranças políticas viam o sistema educacional dos Estados Unidos como necessário para o crescimento do Estado. Essa visão teria perdurado durante a primeira metade do século XX (VIEIRA, SD).

constantemente relatados como frutos dos ensinamentos teológicos. A escola estaria em franco crescimento e amadurecimento. Recebia elogios pelos “trabalhos prestados à sociedade rio-grandense”. Virgílio Faria (1932) teria elogiado os serviços prestados à população brasileira por parte dos batistas, e a educação era o principal deles. O Colégio era visto como destaque em diversas áreas. O investimento na educação física legou à instituição, em 1943, o vice-campeonato estadual de voleibol (na semana da pátria), perdendo para o Colégio do Rosário. No mesmo ano, teria ganhado o prêmio de melhor escola particular, “[...] tendo se sobressaído as aulas noturnas, que deram um cunho de alto valor para a conquista de tão almejado premio simbólico, que já esta se tornando uma tradição para este estabelecimento” (HENRIQUE, 1944).

Os relatos de satisfação com o colégio, inclusive, estariam partindo das autoridades governamentais, que teriam passado a enxergar na educação protestante exemplos metodológicos tidos como eficientes (SMITH, H., 1941). Segundo Edvilson Cardoso Rafeta, as autoridades governamentais que elogiavam as escolas protestantes diziam que o sistema educacional norte-americano era o que mais se adequava a uma nação republicana por possuírem ideais baseados no individualismo, no trabalho, na liberdade e na disciplina possuindo uma “[...] pedagogia moderna, com método intuitivo e princípios racionais e científicos, acrescentando mais algumas concepções pedagógicas ao nosso inventário” (RAFETA, 2008, p. 82). Citando o Colégio Piracicabano, inicialmente feminino, Rafeta mostra como os metodistas traziam uma metodologia inovadora. As disciplinas eram as mesmas que se ensinavam nos colégios masculinos, tais como física, química, botâni-



Time de vôlei do Colégio Batista Americano Brasileiro em Porto Alegre, vice-campeão do torneio da semana da pátria em 1943. Volleyball team of the Brazilian American Baptist College in Porto Alegre, runner-up of the Homeland Week tournament in 1943 (COLEGIO BATISTA AMERICANO EM PORTO ALEGRE, 1943).

ca, zoologia e mineralogia, as quais eram novidades entre as meninas até então.

As discordâncias denominacionais pareciam ficar de lado nos relatórios sobre os progressos evangelísticos por meio da educação. A missionária batista C. A. Backer dizia estar feliz com o sucesso do trabalho desenvolvido com outras igrejas. Em suas considerações, o importante era a constatação do crescimento dos prosélitos que estariam realizando-se nas escolas. Líderes presbiterianos e metodistas estariam auxiliando o trabalho batista e a recíproca era a mesma. Diziam que as questões teológicas não poderiam ser entraves na expansão do “Reino de Deus” entre os brasileiros (BAKER, 1938b).

A estratégia em mostrar a educação como principal auxiliadora no processo de conversão ficava nítida em algumas documentações. Os batistas afirmavam que a escola seria um espaço perfeito para se evangelizar, já que se poderia concentrar um grande número de pessoas em um só local. A evangelização precisaria ser acompanhada da educação e a educação precisaria ser acompanhada da evangelização. Segundo *Daniel B. Lancaster* (1999), para ter êxito na obtenção de conversos, a família *Bagby* afirmava ser necessário investir no aperfeiçoamento escolar e não apenas na construção de templos.

Em 1935, a missionária *Helena Bagby* escrevendo à professora *Alice Gerab*, de São Paulo, pediu sua ajuda para ampliação do trabalho missionário em Porto Alegre. É interessante que, no decorrer da carta, percebe-se que o chamado é para a professora lecionar no Colégio. *Helena Bagby* deixou claro que, na cidade, havia docentes de qualidade, porém não eram protestantes. Dizia que para as intenções da escola não era

interessante ter alguém lecionando que não tivesse conhecimento dos ensinamentos bíblicos. Expressava suas motivações:

O facto é que estamos precisando de mais uma professora e missionária, razão porque lembrei-me de ti e resolvi expôr-te a nossa situação, pedindo-te que, como nós aqui, nada resolvas sem consultar ao teu Chefe Divino. Do ponto de vista pecuniario não terás vantagem, e a uma incredula a nossa proposta, de vir tão longe, ganhando relativamente pouco seria quasi irrisoria. Não creio, porém que tu como filha de Deus, julgarás, “Como vê o homem, pois o homem vê o que está adiante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração.” É porque conheço teu entusiasmo evangelístico, teu espirito de abnegação, que appelo a ti em primeiro lugar para encher esta lacuna. Professoras, ha muitas de preparo e capacidade, mas nós não estamos aqui para ensinar pequenas viboras como melhor picarem. O cultivo de caracter christão tem primeiro lugar, a instrução por seu valor intrínseco tomando posição secundaria, apesar de procurarmos com toda a dilligencia aperfeiçoar a ultima [...] É por causa dessa necessidade de evangelismo e o mister de combinar a actividade educacional com a religiosa, que abri a carta com a menção da palavra “missionaria”, que talvez até te assustasse (BAGBY, H., 1945, p. 1, 2).

Podem-se inferir algumas considerações a respeito da proposta educacional norte-americana com o texto supracitado. O interdiscurso⁶ bíblico é claro no convite feito à professora em São Paulo. O trabalho não era simplesmente lecionar, até porque havia professoras de qualidade no Rio Grande do Sul, mas, também, evangelizar. Não adiantaria ter como instrutora das “pequenas víboras” alguém que ajudasse a degredar a moral das crianças. O trabalho civilizatório com base em princípios bíblicos não poderia ser deixado de lado.

⁶O interdiscurso é a possibilidade de usar algo já dito na formação de um novo discurso. Para Eni P. Orlandi, “... todo discurso remete a um outro discurso, presente nele por sua ausência necessária. Há o primado do interdiscurso (a memória do dizer) de tal modo que os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e é daí que eles tiram sua identidade” (ORLANDI, 1998, p. 30, 31).

Era, inclusive, o papel primordial da escola, ficando a instrução secular em um plano secundário. Antes de a professora decidir seu futuro profissional, foi aconselhada a escutar o "Chefe Divino", o qual se acreditava que iria incentivá-la a mudar de Estado para ganhar um pequeno salário, pois o que importava não era o que iria receber, mas o que estava no coração. O apelo emocional também é nítido. A professora é descrita como alguém que tem um grande entusiasmo em propagar o cristianismo. Seria, então, uma oportunidade de usar seus talentos de mestra para fazer prosélitos entre as crianças gaúchas (Ibidem).

A Professora *C. A. Backer* também procurava demonstrar sua satisfação no processo de evangelização através das escolas. Mostrava-se feliz por estar conseguindo usar a bíblia em sala, para ministrar aulas de teologia e de língua inglesa (BAKER, 1937). *Helen Bagby* defendia a ideia de que, sem a escola, o trabalho de evangelização, no Brasil, dificilmente lograria êxito. Em suas concepções, não poderia haver metodologia melhor para a formação do cidadão republicano e do caráter cristão. Aproveitava a bíblia para ensinar inglês e falar sobre missões no Brasil e no Mundo com os seus alunos. Pedia para que as crianças escrevessem frases na língua norte-americana e discutia com os estudantes questões cotidianas à luz do cristianismo evangélico (BAGBY, H. 1938?). Sua irmã, *Alice Bagby Smith*, dizia-se radiante por ter conseguido fazer prosélitos entre suas alunas. Cinco delas se teriam convertido ao protestantismo no ano de 1942. Esperava que as famílias de tais estudantes fossem alcançadas com o testemunho das novas professoras da fé batista (SMITH, 1942, p. 1).

Pelo que se percebe nas cartas supracitadas, a vida espiritual das crianças era mais importante do que o aprendizado secular. É interessante que, quando criticavam as escolas católicas, os missionários protestantes afirmavam que ensinavam nas suas aulas um ensino totalmente laico. Mesmo assim, há de se notar que, nos

colégios evangélicos, as preocupações deveriam, em primeiro lugar, ter um caráter de mudança religiosa. A professora *Helena Bagby* não deixava dúvidas dos seus objetivos enquanto docente. Em suas concepções, não fazia sentido uma escola confessional que não priorizasse o ensino do "verdadeiro evangelho". Ocupava-se sempre com tais questões, afirmando que seu mais ilustre serviço, era o de estar "[...] dirigindo as reuniões de avivamento dentro do colégio [...]" (BAGBY, H., 193, p. 1).

É interessante que, quando passaram a discordar da postura do Estado em instituir o ensino religioso facultativo nas escolas públicas a partir de 1931 (SAVIANI, 2008), os dirigentes dos colégios protestantes argumentavam que isso era inconstitucional e, mesmo em suas escolas confessionais, tal prática não existia, pois era tida como inadmissível. Mas, apesar de muitas escolas não possuírem uma disciplina que levasse o nome de ensino religioso, a bíblia era usada como texto base quando eram lecionadas aulas de línguas, por exemplo. Quando eram criticados por tais ações, os protestantes afirmavam que era necessário o cristianismo evangélico para que a nação se tornasse grande. Os Estados Unidos e a Inglaterra seriam bons exemplos de sua afirmação. Tratava-se de uma estratégia para discordar da postura do então Presidente da República e, ao mesmo tempo, manter o objetivo de inserção cultural e religiosa através da educação (RAFETA, 2008).

Desde a chegada dos primeiros protestantes no Brasil, a educação foi um dos motes do projeto de expansão missionária. O que se mostrou ao longo do texto foi uma tentativa dos batistas em confirmar o suposto sucesso mostrado por diversos missionários que chegaram ao Brasil desde a primeira metade do século XIX. A intenção em mostrar a educação como principal auxiliadora no processo de conversão ficava nítida em algumas documentações (cartas, relatórios, jornais, etc.). Os batistas afirmavam que a escola seria um espaço perfei-

to para se evangelizar, uma vez que se poderia concentrar um grande número de pessoas em um só local. A evangelização precisaria ser acompanhada da educação e a educação precisaria ser acompanhada da evangelização (VILAS-BOAS, 2001). Segundo Daniel B. Lancaster, para ter êxito na obtenção de conversos, missionários batistas afirmavam ser necessário investir no aperfeiçoamento escolar e não apenas na construção de templos (LANCASTER, 1999).

Antonio Gouvêa Mendonça corrobora com a ideia defendida por Daniel B. Lancaster quando afirma que as missões não tinham apenas a função de conversão, mas também de civilização. Mendonça destaca que a intenção de se investir em escolas teve dois objetivos principais. O primeiro, ideológico, com os colégios centrais, cujas funções se mesclavam com o interesse de atingir os altos escalões da sociedade. O segundo, representado pelas escolas paroquiais (como as construídas nas aldeias), era mais instrumental, pois tinha a função de facilitar o proselitismo, na medida em que o ensino visava à inserção do indivíduo na nova fé. O protestantismo, a religião do livro, só poderia lograr êxito em meio a pessoas alfabetizadas, uma vez que havia a necessidade da leitura para o acompanhamento das liturgias, bem como para o estudo bíblico (MENDONÇA, 1995).

As escolas protestantes continuaram, ao longo do século XX, sendo importantes centros de difusão do

cristianismo evangélico no Brasil. Boa parte dessas escolas funcionava com o financiamento de verbas provenientes dos Estados Unidos. No caso das igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira, os recursos proviham da *Junta de Richmond*, organização responsável pelo missionarismo batista no Brasil desde o final do século XIX. A metodologia, os conteúdos, a organização e, muitas vezes, até os professores, deveriam ter o padrão daquilo que se fazia nas escolas protestantes norte-americanas. O modelo de progresso, de educação e de civilização era idealizado naquilo que se fazia nos Estados Unidos. A ideia defendida por Max Weber (2003), quando esse autor afirma que o progresso econômico esteve atrelado ao desenvolvimento do protestantismo em alguns países parecia fazer sentido em tais instituições. É certo que as análises aqui apresentadas se concentraram, principalmente, em documentos batistas de missionários envolvidos com a educação no Recife, Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Contudo, outras denominações como metodistas e presbiterianos não fugiram dessa concepção. A ideia era apregoar o sistema educacional norte-americano que, em certos aspectos, foi confundido com o cristianismo protestante. Muitas dessas instituições ainda funcionam no século XXI. Mesmo não recebendo mais financiamento dos Estados Unidos, o ideal protestante ainda permanece presente e, em muitos casos, continua confundindo-se com o ideal daquilo que os norte-americanos entendem por ser uma boa educação (ARAÚJO, 2014).

Referências

- AMARAL, Cesar Romero. Contribuição protestante à reforma educacional pública paulista. SD. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0454.pdf>>. Acesso em: 14/11/2013.
- ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. *Educação e conversão religiosa*. Curitiba: Editora Appris, 2014.
- BAGBY, Helen. Carta endereçada a amigos. Porto Alegre, RS. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 1937, 1938?. p. 1, 2.
- BAGBY, Helena. Carta endereçada ao Rev. R. E. Pettigrew. Porto Alegre, RS. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 20 Out. 1933. p. 1.
- BAGBY, Helena. Carta endereçada Prof^{ra}. Alice Gerab. Porto Alegre, RS. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 30 Jan. 1945. p. 1, 2.
- BAGBY, William B. Carta endereçada ao Sr. McConnel. Richmond, Virginia. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 8 Jan. 1930. p. 1, 2.
- BAKER, C. A. Carta endereçada ao Dr. Maddry. Rio de Janeiro, RJ. In Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 10 Out. 1938a. p. 1, 2.
- BAKER, C. A. Relatório para a Junta de Richmond endereçada ao Dr. Maddry. Rio de Janeiro, RJ. In Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 18 Jul.1937. p. 1 - 2.
- BAKER, C. A. Relatório para a Junta de Richmond Referente ao primeiro quadrimestre de 1930. Rio de Janeiro, RJ. In Backer and Bratcher Collection, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 1938b. p. 1 - 4.
- BATISTA, Ierson Silva. *O discurso cristão batista: considerações dos princípios batistas à luz da análise do discurso*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- BRASIL. Decreto nº 19.941, de 30 de Abril de 1931. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 20/04/2017.
- BRATCHER. L. M. Carta endereçada ao Pr. Pedro Tarsier. Rio de Janeiro, RJ. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 13 Jul. 1935. p. 1, 2.
- CALVANI, Carlos Eduardo B. A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil. *Rev. Pistis Prax*, v.1, n.1, 2009, pp. 53-69.
- CHRISTIE, Alonzo B. Carta endereçada ao Dr C. E. Maddry. Campos, RJ. In.: Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 01 Set.1934. p. 1, 2.
- CHRISTIE, Alonzo B. Carta endereçada ao Dr C. E. Maddry. Rio de Janeiro, RJ. In.: Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 16 Fev.1938. p. 1.
- CLARK, Jorge Uilson. *Presbiterianismo do Sul em Campinas: primórdio da educação liberal*. Campinas, Tese (Doutorado em Educação), UNICAMP/ Faculdade de Educação, 2005.
- COLÉGIO BATISTA AMERICANO EM PORTO ALEGRE. Fotografia do time de vôlei, vice-campeão do torneio da Semana da Pátria em 1943. Porto Alegre, RS. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. Set. 1943. p. 1.
- FARIA, Virgílio. Carta endereçada à Junta de Richmond. Campos, RJ. In.: Alonzo B. Christie Papers, Southern Baptist Historical Library and Archives, Nashville. 14 Dez.1932. p. 1.
- HENRIQUE, D. Carta endereçada ao missionário Harley Smith. Porto Alegre, RS. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 15 Fev. 1944. p. 1.
- JOHNSON, Elton. Os ideais do Collegio Americano Baptista. *O Baptista Pernambucano*. Recife, Nov. 1935. p. 4.

- LANCASTER, Daniel B. *The Bagbys of Brazil: The life and work of William Buck and Anne Luther Bagby*. Austin: Eakin Press, 1999.
- LOPES, Edson Pereira; LOPES, Nívea Costa da Silva. Igreja e escola de mãos dadas: a educação como práxis teológica na consolidação do presbiterianismo no Brasil. *Revista Caminhando*, v. 14, n. 2, 2009, pp. 29-42.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro (Orgs). *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 30, 31.
- RAFAETA, Edvilson Cardoso. *Luminoso farol: o Colégio Piracicabano e a educação feminina em fins do século XIX*. Campinas, Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP, 2008. p. 82.
- RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas (SP): Autores Associados, 2008.
- SEIXAS, Mariana Ellen Santos. Protestantismo, política e educação no Brasil: a propaganda do progresso e da modernização. *Revista Brasileira de História das Religiões*, n. 7, 2010.
- SILVA, Eliane Moura da. *Viajantes e Missionárias: gênero e religião entre as protestantes norte-americanas no Brasil (1870-1920)*. Tese (Livre-Docência), DH/IFCH/UNICAMP 2010.
- SILVA, Paulo Julião da. *Entre a evangelização e a política: a expansão missionária batista para o Brasil Central (1925-1939)*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, 2016. p. 191.
- SMITH, Alice Bagby. Carta endereçada a Da. Francisca S. Rodrigues. Porto Alegre, RS. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 4 Dez. 1942. p. 1.
- SMITH, Alice Bagby. Carta endereçada ao Sr. Georg Rosborough. Quinlan, Texas. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 29 Abr. 1932. p. 1, 2.
- SMITH, Harley. Carta endereçada ao seu avô. Porto Alegre, RS. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 13 Dez. 1941. p. 1.
- SMITH, Harley. Carta endereçada ao Sr. Georg Rosborough. Bay City, Texas. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 19 Mar. 1932. p. 1, 2.
- SMITH, Harley. Carta endereçada ao Sr. Georg Rosborough. Porto Alegre, RS. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 24 Mar. 1933. p. 1.
- SMITH, Harley. Carta endereçada Srt^a Kathleen Mallory. Porto Alegre, RS. In Luther-Bagby-Smith Family Papers, Baylor University Libraries, Texas. 16 Dez. 1941. p. 1, 2.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2003).
- VILAS-BOAS, Ester Fraga. A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 2, jul – dez, 2001, p. 1 – 30.

Submissão: 13/09/2017

Aceite: 10/06/2018